

■ Introdução

Uma vasta região flagelada por aliens

“Nossas dúvidas são traidoras e nos fazem perder o bem que poderíamos conquistar, se não fosse o medo de tentar”.

— **William Shakespeare**

O mundo está repleto de terrores. Este livro é sobre um deles, um terror que vem de algum lugar que não é a Terra. É um terror que os governos mundiais ignoram ou afirmam não existir, talvez porque sejam incapazes de proteger seus cidadãos contra ele. O terror vem dos objetos voadores não identificados (UFOs) e de seres alienígenas que os operam. Esses seres não são nossos irmãos espaciais, que vêm aqui com o intuito de nos ajudar, como muitas pessoas acreditam. São criaturas inumanas que há anos vêm atormentando e aterrorizando seres humanos, ferindo e matando alguns deles.

Nos últimos 50 anos, centenas de milhares de pessoas em todo o mundo têm contatos imediatos com esses alienígenas, e freqüentemente, contatos bem próximos. A maior parte dos incidentes é relativamente inofensiva, mas há um aspecto insensível, até cruel, dos alienígenas que não pode ser ignorado. Desde os anos 70, e provavelmente até antes, coisas terríveis têm sido feitas às pessoas no Brasil – talvez mais do que em todos os outros países juntos – e esses ataques cósmicos ainda ocorrem. Este livro trata de acontecimentos ocorridos com dezenas de vítimas, a maioria das quais me contaram suas histórias no decorrer dos nove meses

de investigações de campo no Brasil, em mais de 13 visitas que fiz ao país entre maio de 1978 e setembro de 1999. Algumas pessoas não puderam dar seu testemunho porque ficaram incapacitadas ou morreram.

Este livro não tenta convencer as pessoas de que os UFOs existem. A maior parte da população mundial já aceita, há muito tempo, a realidade do fenômeno, e qualquer investigador objetivo e de mente aberta chegará à mesma conclusão. Freqüentemente, um contato prejudicial peculiar no Brasil começa quando um UFO aparece sem avisar, bem acima da cabeça de uma pessoa à noite, revelando-se em um fulgor súbito, como se fosse a luz do dia, e perseguindo a vítima apavorada, seja homem, mulher ou criança, que tenta fugir, em pânico. Em certas ocasiões, os UFOs tentaram levar a vítima para dentro da nave, usando alguma força desconhecida, e já levaram algumas pessoas. Também utilizaram ganchos poderosos para capturar algumas pobres almas, e derramaram líquido quente nos braços e ombros de pessoas que se seguravam em árvores tentando se salvar.

Algumas vítimas infelizes ficaram paralisadas no momento do contato. Outras se esconderam horrorizadas, enquanto os UFOs tentavam – durante horas – desentocá-las. Nem as casas são seguras, pois há casos em que raios de luz emitidos por esses objetos atravessaram telhados como laser, queimando homens e mulheres em suas camas.

Mesmo quando as pessoas não se machucam, quase sempre sofrem traumas. Deparam com uma estranha máquina aérea e criaturas humanoides com poderes, aparentemente, mágicos que tentam seqüestrá-las. A simples visão de uma bola de fogo no céu pode ser assustadora, porque quase todos conhecem alguém que foi perseguido, ferido ou morto por essas coisas. As notícias sobre UFOs são amedrontadoras para os moradores de pequenas cidades, vilarejos, fazendas e florestas nas regiões centrais e norte do Brasil, onde ocorreu a maioria dos incidentes relatados neste livro. Para essas pessoas, esse terror é muito real e tem vários nomes. Entre os mais comuns são chupa, chupa-chupa ou chupa sangue. Muitas pessoas acreditam que o chupa-chupa suga o sangue de humanos e animais – e há provas de que isso realmente acontece.

Dependendo de com quem você conversa, o agressor alienígena é também chamado de luz, fogo, animal, verme, aparelho, máquina, coisa e objeto. É comum também ouvir a expressão disco voador, ou só disco. Poucos são os que usam a sigla UFO ou OVNI, quando se referem às suas

experiências. Para eles, isso é uma coisa verdadeira e pessoal, com uma identidade definida, um terror que vem do céu, sem aviso prévio. O fato de que essas experiências violentas estão ocorrendo principalmente no Brasil não significa que os habitantes de outros países estejam livres de ataques.

UFOS são vistos em todos as nações do mundo, e o que acontece aqui pode se repetir em qualquer lugar. Por que um norte-americano escreveria um livro sobre UFOS no Brasil? Porque minha busca por respostas a essa malevolência ufológica me fez percorrer uma parte tão grande do Brasil, que talvez nenhum outro pesquisador tenha estudado. Investiguei casos desde o meio do Amazonas até toda a região norte brasileira, do litoral leste até o sul do país na fronteira com o Uruguai, mas concentrei meus esforços nas regiões norte, nordeste central, onde ocorre muita atividade ufológica nociva.

O Brasil é uma das maiores nações do mundo, com mais de 170 milhões de habitantes vivendo numa área tão grande quanto o EUA. Entretanto, há apenas 300 a 400 ufólogos ativos, a maioria morando em grandes cidades à cerca de 160 km da costa. Vastas regiões de muitos estados, e às vezes estados inteiros, não têm ufólogos. Muito do que acontece nem chega ao conhecimento de algum pesquisador. Há muitos ufólogos excelentes no Brasil, os quais me prestaram, e ainda vêm prestando, uma extraordinária ajuda em todos esses anos. A princípio, alguns investigaram os casos relatados neste livro, e gentilmente compartilharam comigo os dados obtidos, possibilitando-me conhecer as pessoas que passaram por terríveis experiências com UFOS.

Quando comecei a visitar o país para estudar incidentes ufológicos, eu dispunha de muito mais recursos que a maioria dos investigadores. Minhas quatro primeiras viagens e todas as despesas, em 1978, 1979 e 1980 foram pagas por uma revista, da qual eu era repórter. Isso me permitiu fazer muitas coisas que a maioria dos pesquisadores não podia, como passar semanas investigando cada caso, viajar, alugar carros, fretar aviões e barcos, contratar guias, intérpretes e o que mais fosse necessário.

Foi durante essas primeiras visitas que comecei a ouvir histórias sobre pessoas sendo agredidas e mortas por UFOS. Até então, sempre achara que tais objetos fossem inofensivos, e comecei a me concentrar nesse aspecto nocivo do fenômeno. Saí da revista em 1981 e, desde então, voltei ao Brasil oito vezes, por minha conta, à procura de novas pistas sobre o porquê dos UFOS atacarem naqueles locais. Duas dessas viagens, em 1997 e 1999,

foram feitas após a publicação deste livro nos EUA, obrigando-me a acrescentar um novo capítulo e atualizar vários capítulos existentes. Esta busca por respostas faz parte de um profundo interesse em UFOS que tive cedo em minha vida. Até 1975, qualquer menção sobre o assunto me fazia tecer comentários céticos. Por causa dos meus 48 anos como repórter de jornais e revistas e editor, eu via o mundo a partir de uma perspectiva científica. Se o senso comum dizia que algumas coisas não podiam existir, então elas não existiam. E o senso comum dizia que os UFOS não existiam.

Num momento de minha carreira, fui editor de um diário no Estado da Virgínia e nunca deixava que publicassem matérias sobre Ufologia. O mesmo se aplicava a fantasmas, poltergeists, pé grande e coisas do gênero, simplesmente porque não tinha dúvidas de que eram baboseiras. Eu “sabia” disso sem precisar investigar as histórias, e nada me faria mudar de idéia. Obviamente, alguma coisa fez. Pelo menos, quanto aos UFOS. Hoje, não tenho dúvidas de que eles existem, embora ainda não tenha certeza sobre fantasmas e outras coisas, mas já não tenho a mente tão fechada para tais possibilidades. Essa crença na realidade dos UFOS não surgiu de uma experiência pessoal, mas sim de ter conversado com pessoas que tiveram experiências – aproximadamente duas mil no Brasil e em mais nove países.

Para mim, os UFOS se tornaram real na segunda semana de maio de 1975. Naquela época, eu estava trabalhando como repórter de uma revista e fui enviado a Wisconsin, na região centro-norte dos EUA, para investigar a história de um UFO que teria aterrissado na fazenda de uma família. Eu jamais tinha escrito uma matéria sobre esse assunto. Nunca tinha levado a sério o Fenômeno UFO e achava que as pessoas estavam vendo coisas que poderiam ser facilmente explicadas. Achava que se eu fizesse as perguntas certas, acabaria descobrindo a verdade. Foi pensando nisso que fui de avião até Wisconsin, abençoando a oportunidade de finalmente descobrir por mim mesmo o que fazia as pessoas inventarem histórias loucas sobre discos voadores.

Passei uma semana no norte de Wisconsin e partes de Minnesota e Michigan. Conversei não só com a família que vira um UFO aterrissado, mas também com mais de 60 pessoas que tinham visto objetos voadores não identificados em incidentes que sem relação com aquele caso. A maioria dos avistamentos ocorrera à noite, alguns de dia. Muitas pessoas tinham visto luzes estranhas voando pelo céu em rotas erráticas. Outras haviam tido contatos assustadores com objetos grandes, que tinham formas definidas.

As 16 testemunhas eram oficiais da polícia. Entre as outras, havia fazendeiros, homens e mulheres de negócio, donas de casa, secretárias, operários de fábrica, um biólogo que estudava a vida selvagem, um farmacêutico, um maquinista, um estudante universitário e vários alunos das escolas locais. Quase todos adultos e que pareciam indivíduos sem motivos para inventar histórias absurdas. Uma pessoa particularmente fidedigna era o diretor de uma escola, também tenente-coronel da Guarda Aérea Nacional. Ele me disse que numa noite, muitos anos antes, fora encarregado de interceptar um UFO detectado na tela do radar de uma estação na cidade de Finland, Minnesota, 120 km ao norte de Duluth.

Tão logo ele e seu piloto terem decolado, o radar deles detectou o objeto – que desapareceu imediatamente. Os operadores da estação estavam do lado de fora, observando o UFO pairando a cerca de 300 m acima do prédio. O coronel e o piloto foram informados pelo rádio que assim que o radar do avião apanhara o objeto, este se deslocou velozmente para cima – e o radar em terra o seguiu por 160 km no céu antes que desaparecesse da tela, segundos mais tarde. Naquela semana em Superior e Duluth, ouvi muitas histórias incríveis. Fiz o máximo de perguntas que pude a todas as 60 ou 70 pessoas que tinham tido experiências com UFOs – e fiquei surpreso. Talvez, chocado. Não podia explicar nada do que elas tinham visto. Foi para mim uma experiência esclarecedora que me fez perceber o pouco eu conhecia sobre o nosso mundo. Desde então, venho perseguindo UFOs.

Eles são um mistério genuíno, tão intrigante e fascinante hoje quanto na época que aceitei sua realidade, em 1975. A única coisa que sei com certeza é isto: quanto mais você aprende sobre o Fenômeno UFO, mais complexo ele se torna e mais você percebe como sabe pouco sobre o assunto. O que quer que seja, há um lado negro do fenômeno, e o propósito deste livro é revelar o suficiente sobre esse lado, na esperança de que possamos descobrir com o que estamos lidando. Não há maneira de sabermos ainda se os UFOs terão um significado perene para o povo da Terra, mas quando descobrirmos, poderá ser tarde demais.

— **Bob Pratt**,
Flórida, 30 de junho de 2002.

PARTE I

Sob Ataque

■ Capítulo 01

Ataque a Moisés

“Grandes realizações são possíveis quando se dá importância aos pequenos começos”.

— Lao Tsé

Era uma noite quente de domingo, no mês de maio de 1991, quando um pacato fazendeiro de trinta e poucos anos, chamado Moisés, saiu da casa de seu irmão perto da igreja e começou a descer uma colina, a caminho de casa. Estava escuro e garoava, mas Moisés não quis abrir o guarda-chuva. Dali a cerca de 200 m, o chão ficava plano para depois inclinar-se novamente, e Moisés se preparou para subir outra ladeira íngreme e comprida, que terminaria em sua pequena residência à 1 km de distância. Poucos minutos depois, ele passou pela casa de um vizinho e, dali a mais 100 m, chegou ao alto da colina. Foi então que notou um brilho.

Moisés olhou para a direita e viu uma pequena luz no pico de outra montanha, 3 km a leste. “É um carro”, ele pensou ao olhar para trás, na direção da trilha que mal podia ver por causa da escuridão. Mas antes de dar mais três ou quatro passos, Moisés notou que a luz estava, subitamente, bem em cima dele. Ela percorreria aquela distância com uma velocidade surpreendente, assustando-o. A luz agora era grande e tão brilhante que doía os olhos. Não fazia nenhum ruído. Parecia ser tão grande quanto uma casa e girava lentamente. Ela sentiu mais curiosidade do que medo, mas se soubesse o que iria lhe acontecer, teria corrido para longe dali o mais rápido

possível. Era o início de uma estranha abordagem hostil que ainda não pode ser explicada racionalmente. Para Moisés, era um UFO e ele sobreviveu ao ataque, mas quando me contou a história 16 meses depois, ainda tinha medo de sair de casa à noite. Temia que os atacantes voltassem.

Sugado para cima

O objeto profusamente iluminado que apareceu naquela noite teve um efeito imediato sobre Moisés. “Fiquei paralisado quase na mesma hora e achei que o UFO ia me levar”, ele disse em voz baixa, enquanto nos sentávamos em sua sala de estar. Seu olho esquerdo estava vermelho. Fora machucado pelo UFO e ainda não tinha sarado. “Aquilo iluminou tudo à minha volta e ficou muito quente. E eu senti que estava sendo sugado para cima”. Moisés disse que realmente começou a subir no ar numa posição ereta, como se ainda estivesse caminhando. Não sentia nada tocando em seu corpo ou segurando-o no ar. Era apenas a sensação de ser puxado para cima por uma força invisível.

“Fiquei com muito medo, mesmo. Subi mais ou menos um metro e meio. Não conseguia falar nem gritar por ajuda e não podia me mexer. A luz era quente demais. Eu estava apavorado”. Seu corpo ficou tão rígido que um pacote de biscoitos que estava carregando debaixo do braço amassou por completo. Moisés não sabe quanto tempo ficou suspenso sob o UFO, mas acha que foi pelo menos por cinco minutos, o tempo todo morrendo de medo que algo muito ruim lhe acontecesse.

“Mas de repente, eles me fizeram descer bem devagar e a luz se afastou um pouco para o lado”, explicou. Naquele momento, Moisés estava tão nervoso que caiu ao chão. Enquanto isso, o UFO pairava, totalmente imóvel, à altura de uma árvore, cerca de 20 m de distância e ainda muito brilhante. Há duas casas, algumas centenas de metros de onde o fato ocorreu e outras à 1 km de distância, mas, aparentemente, ninguém viu a luz. A maior parte das residências na área têm janelas de madeira, que ficam fechadas e aferrolhadas por dentro à noite, por segurança e por causa dos mosquitos. Vidraças e telas não são comuns na região.

Moisés estava muito tonto para conseguir andar e seus olhos ardiavam por causa da luz. Bem devagar, ele foi se arrastando até sua casa, que ficava a cerca de 200 m dali. “Estava rastejando como uma

lagartixa porque não conseguia andar. Afastei-me dali uns 200 m e fiquei embaixo de uma árvore pequena, onde parei um pouco para descansar. Depois, comecei a me mexer de novo e, assim que saí debaixo da árvore, eles voltaram e me pegaram novamente”. Dessa vez, o UFO veio por trás de Moisés, e entre ele e o objeto só havia os galhos da árvore. De repente, percebeu que estava sendo sugado para cima outra vez. Ele parou de subir quando estava a cerca de 1 m do chão, agachado, como se ainda estivesse se arrastando.

“Minha cabeça bateu nos galhos, enquanto eu subia. Fiquei paralisado de novo, mas dessa vez senti muito frio. Não podia me mexer ou gritar, e a luz feria meus olhos outra vez. A coisa estava acima de mim, girando, girando, girando”. Moisés acha que dessa vez ficou suspenso no ar por 15 minutos. Estava consciente, mas apavorado. A única coisa que podia fazer era rezar. Finalmente, o UFO foi embora, ficando fora de seu campo de visão. Até aquele momento, ele não tinha emitido nenhum som, mas quando estava se afastando, Moisés ouviu um ronco baixo, como de uma turbina.

Assim que o objeto se foi, Moisés sentiu a paralisia passar rapidamente e caiu no chão como um pedaço de chumbo. “Eles me derrubaram com força”, ele disse. Com muita dor e morrendo de medo que o UFO voltasse uma terceira vez, ele se arrastou até chegar em casa. “Meu olho esquerdo começou a inchar, parecia que ia sair da cabeça, e quando entrei em casa, não estava enxergando com ele”. Quando chegou em casa, ele bateu nervosamente na porta até sua mulher abrir. Estava histérico e não conseguiu contar à mulher imediatamente o que tinha acontecido.

“Sentei-me numa cadeira e por uns cinco minutos não conseguia falar. Um pouco depois, olhei pela janela e vi a luz sobre a igreja. Quando aquilo aconteceu comigo, ela era branca, mas àquela distância parecia uma enorme bola vermelha. Ficava balançando para frente e para trás como um pêndulo”. Moisés é uma das centenas de brasileiros que foram submetidos a estranhos ataques por parte dos UFOs, durante pelo menos 30 anos, possivelmente mais. A maioria das vítimas fica apavorada, mas não se machuca, mas algumas já se feriram, foram mortas ou quase. Milhares de pessoas podem ter sido atacadas, mas o número exato, talvez, nunca se saberá ao certo. O Brasil é enorme, com uma população muito grande, mas nenhum indivíduo, organização ou repartição do governo coleta informações sobre todos os contatos imediatos que ocorrem por todo o país.

Pouquíssimos investigadores

Há mais de 50 anos, os UFOs têm sido vistos praticamente em toda nação do mundo, com avistamentos e contatos imediatos frequentes, na verdade, quase todos os dias. Mas, que eu saiba, somente no Brasil – não nos países vizinhos, nem em qualquer outra nação do planeta – os UFOs são tão hostis. Ninguém sabe por quê. Há apenas algumas centenas de ufólogos entre os mais de 170 milhões de habitantes no país. Todos são civis que dedicam o tempo e o dinheiro que podem para examinar relatos de incidentes envolvendo UFOs. O governo mostra um interesse ocasional no fenômeno, mas não parece estar investigando-o ativamente, pelo menos não com regularidade. Há grandes áreas do país onde não existem pesquisadores e a maioria dos avistamentos e contatos imediatos não é relatada.

Cynthia Luce, uma colega investigadora, e eu ficamos sabendo da história de Moisés Campelo por acaso. Estávamos procurando uma mulher que passara por uma experiência semelhante na mesma montanha, uns 12 anos antes, mas os vizinhos nos informaram que ela tinha se mudado. Então, eles nos perguntaram se sabíamos do caso de Moisés. Não sabíamos, mas foi fácil encontrá-lo em sua modesta residência num local chamado Sítio Timbaúba, alguns quilômetros ao norte da cidade de Campo Redondo, no Rio Grande do Norte, região Nordeste do Brasil, onde quase não há chuva. Do tamanho aproximado do país de Gales, o Rio Grande do Norte é um Estado semi-árido de áreas cultivadas, montanhas e desertos, onde as pessoas lutam para sobreviver às secas que ocorrem com muita frequência e geralmente duram anos.

Moisés é um homem tenso, mede 1,60 m, tem cabelos pretos encaracolados, olhos intensamente pretos e possui marcas de barba, pesa cerca de 60 kg. Sua mulher e seus filhos, e mais uma meia dúzia de vizinhos e parentes se aglomeraram em sua sala de estar para ouvir nossa conversa. Cynthia¹ foi a intérprete. Ela e eu parecíamos ser tanto o centro das atenções quanto ele, contando-nos o que tinha acontecido. A maioria dessas

1 Cynthia Luce é uma norte-americana que morava na cidade de São José do Rio Preto, a Noroeste do Rio de Janeiro, desde 1975. Ela fala português fluentemente e, juntos, nós investigamos vários incidentes ufológicos nas regiões norte e central do Brasil em 1991, 1992, 1996, 1997 e 1999.

peessoas nunca vira um americano. Com o passar dos anos, desde a minha primeira viagem ao Brasil, em 1978, sempre se juntaram multidões nos vilarejos ou nas fazendas em que aparecia, pois não é comum para aquela gente ter muita agitação, e eles quase não vêem forasteiros.

Várias vezes em 1978, 1979 e 1981 eu contratei os serviços de um piloto e aluguei um avião, indo a vilarejos remotos com amigos ou intérpretes. Costumávamos sobrevoar uma comunidade, tentando encontrar um local para aterrissar – em duas ocasiões, tivemos de nos virar com um cemitério de uma igreja e uma pista estreita pouco adiante –, ou como um sinal para que um táxi viesse nos receber, se houvesse uma pista. Quando aterrissávamos, umas 100 crianças e adultos nos cercavam antes mesmo de descermos do avião. Muitos jamais haviam visto um americano e as crianças se divertiam com a maneira engraçada como eu falava, dando tremendas gargalhadas cada vez que eu abria a boca.

A novidade passava e a maioria das pessoas ia embora, mas às vezes, sobravam uns cinco ou seis garotos e adultos que nos seguiam enquanto caminhávamos pelos vilarejos, conversando com as pessoas que tinham tido experiências com UFOS. E o séquito nos acompanhava de volta ao avião várias horas mais tarde, acenando para nós em despedida. Mesmo em visitas recentes, às vezes era difícil conduzir uma entrevista em paz e silêncio. No fim de uma tarde de domingo, em julho de 1993, eu conversava com um rapaz, enquanto estava terminando uma partida de futebol em uma quadra nas proximidades. Ele estava descrevendo um contato imediato que tivera.

Dali a alguns minutos, todos os espectadores e quase todos os jogadores estavam à nossa volta. O mesmo acontece freqüentemente quando vamos à casa de uma pessoa como Moisés, porém em menor escala. Ele mora há cerca de 3 km da estrada principal. É facilmente acessível de carro, a menos que uma raríssima chuva transforme a rua um lamaçal, tornando perigosa a subida e a descida pelas colinas entre a estrada e a casa. Poucas pessoas na região possuem carros, mas estes não são incomuns, nem atraem tanta atenção quanto um avião descendo dos céus. Por isso, as ‘platéias’ são menores.

Quando Moisés terminou de contar sua história, disse-nos: “Achei que eles iam me levar para a Europa”. Todo mundo riu, inclusive ele, mas a situação não foi engraçada na noite em que o UFO o atormentou, nem por muito

tempo depois. “Meu lado esquerdo ficou amortecido por 3 ou quatro meses. A parte em volta da cintura e dos quadris, do lado esquerdo, parecia paralisada”. Ele também teve problemas com o olho esquerdo por um ano e meio. “Inchou tanto que eu não podia dormir à noite por um bom tempo depois, porque não dava para fechar o olho. Não enxerguei com ele durante alguns dias, e ainda tenho dificuldade”.

O olho parecia estar irritado e o problema era que não tinha sido devidamente tratado. Moisés nos informou que um médico lhe dissera que precisaria de uma cirurgia, e ele foi ao hospital três vezes, e nas três vezes, faltou energia elétrica. Nunca foi operado. As terras daquela parte da montanha pertencem à mãe de Moisés. Ele mora e trabalha lá toda a vida e não tem a intenção de se mudar, embora saiba que os UFOs ainda estão na área. “Eu não saio mais sozinho à noite. Só saio de casa se alguém for comigo”.

Entrevistei Moisés em setembro de 1992 e, novamente, em julho de 1993. Ele é apenas uma entre as milhares de testemunhas com quem conversei em dez países, desde 1975. A história dele não é um caso isolado. No Brasil há muitas pessoas que foram vítimas de contatos aterradores com UFOs. Na verdade, uma das mulheres presentes, ouvindo a entrevista com Moisés, disse que menos de uma semana antes, sua filha e seu genro, ambos com 19 anos, e outras três moças precisaram se esconder de um UFO. Estavam indo a pé até a residência do casal, numa colina 2 a 3 km a oeste da casa de Moisés, quando o incidente ocorreu.

“Eram mais ou menos 19h00”, disse Severina Campelo, irmã de Moisés. “Estava escuro e eles estavam subindo a colina quando uma luz brilhante veio para cima deles e tentou sugá-los. Todos se esconderam embaixo de um cajueiro e se agarraram a ele até a luz ir embora”. Infelizmente, não tivemos tempo de conhecer o casal e conversar com os dois, e quando eu voltei ao Sítio Timbaúba, em 1993, eles já tinham se mudado.



Cortesia do Autor



O Sítio Timbaúba, ao norte de Campo Redondo (RN), onde Moisés Campelo [Página anterior] teve dramáticas experiências. Toda a região registra elevado número de ocorrências ufológicas, inclusive com violência

O que sabemos?

O que teria assustado tanto Moisés a ponto de deixá-lo com medo de sair sozinho à noite? Seus atacantes apareceram de repente, como se surgissem do nada, levantaram-no do chão duas vezes por uns 30 m, sujeitaram-no a calor e frio extremos e a uma paralisia que o impediu de se mexer e falar, soltando-o com delicadeza na primeira vez e, violentamente, na segunda. A luz era tão brilhante que quase o cegou. Branca quando estava próxima e vermelha quando distante, balançando para trás e para frente no céu.

O que era o misterioso objeto? Obviamente, algum tipo de máquina com uma criatura ou criaturas inteligentes controlando-a. Persegui Moisés duas vezes, localizei-o no escuro na primeira vez, a uma distância de 3 km. Não era avião, nem helicóptero, pois não fazia barulho durante a maior parte do incidente, pairando acima dele e não tinha hélices nem vento gerado por motores. Não era um dirigível nem qualquer outro tipo de aeronave conhecida porque, mais tarde, quando foi visto sobre a igre-

ja, oscilava como um pêndulo. Além disso, pelo que sabemos, nenhum governo no mundo possui um tipo de aeronave capaz de erguer uma pessoa do chão, paralisá-la e feri-la, para depois soltá-la delicadamente ou com violência, usando apenas um raio de luz.

Era um UFO ou, em português, OVNI – objeto voador não identificado – mas isso não é muito esclarecedor porque ainda não sabemos o que eles são. Aparentemente, quase todo mundo acha que sabe, mas o fato é que ninguém tem certeza. A experiência de Moisés, porém, pode nos dar pistas que, somadas aos dados obtidos em entrevistas com outras vítimas, poderão um dia nos ajudar a descobrir o que há por trás dos UFOs. E as pistas são muitas. Várias outras pessoas me disseram que também levitaram, embora não duas vezes, como Moisés. Nesse sentido, o que aconteceu com ele é um fato singular. Há outros elementos estranhos que diferenciam esse caso de outros: (a) A luz brilhante que ilumina tudo como se fosse a luz do dia. (b) A paralisia. (c) A incapacidade de Moisés de falar ou gritar por ajuda. (d) A sensação de frio intenso em meio a um calor extremo quando foi apanhado pela segunda vez.

Cynthia sugeriu que Moisés talvez tivesse entrado em estado de choque, o que explicaria o frio, mesmo na presença de calor. Outras vítimas que sentiram isso também acham que tiveram esse tipo de choque. Por outro lado, algumas pessoas que afirmaram sentir frio e calor, simultaneamente, acrescentaram que tudo ao redor delas estava frio, como se estivessem em um ambiente com ar condicionado, mas o frio passou assim que o UFO foi embora. Além de Moisés, outras pessoas foram levantadas do solo, muitas outras resistiram de alguma forma, algumas foram até puxadas por ganchos e outras chegaram a ser, realmente, levadas. Temos muito que aprender, mas uma coisa podemos afirmar com certeza: esse é um fenômeno agressivo e nenhum homem, mulher ou criança, brasileiros ou de outras nacionalidades, estão seguros.